

VANTAGENS E DESVANTAGENS ACERCA DA TRADUÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

*Lilian Agg Garvia**

*Janaina Carvalho***

*Joana Quéren Frujuelle Kebdi****

*Claudia Lemos Baumrucker*****

RESUMO:

O presente artigo visa a apresentar reflexões acerca das possíveis vantagens e desvantagens do uso da tradução nas aulas de Língua Inglesa em duas escolas públicas do estado de Santa Catarina destacando algumas situações em que o ato tradutório seria justificável durante o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa. Dois estudos de casos foram analisados, os quais exemplificaram os efeitos proporcionados pelo uso moderado e / ou indiscriminado da tradução do inglês para o português no decorrer das aulas. A pesquisa objetiva observar e descrever como duas professoras do Ensino Fundamental II de duas escolas estaduais de Itapema e Joinville, Santa Catarina, utilizaram a tradução durante as suas aulas e como a aprendizagem dos estudantes sucedeu-se. Os resultados demonstram que o uso ponderado da tradução pode ser vantajoso, desde que haja objetivos claros e vise à melhor aprendizagem do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Língua inglesa. Tradução.

Introdução

Durante toda a história do ensino de línguas, sabe-se que a tradução é uma técnica que desempenhou um papel importante nas aulas de Línguas Estrangeiras.

* Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista CAPES. Bacharel em Letras Português e Inglês com habilitações em Tradução e Interpretação pela Universidade UNIBERO de São Paulo/SP, especialista em Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras pelas Faculdades Celer de Chapecó/SC e licenciatura em Letras Português e Inglês pela Universidade UNICOC de Joinville/SC. E-mail: lag.pretty@gmail.com.

** Graduada em Licenciatura em Letras Português e Inglês pela Universidade UNICOC de Joinville/SC. Professora da rede municipal pública de ensino de Itajaí, Santa Catarina. E-mail: janainacarvalho2@terra.com.br.

*** Graduada no curso de Pedagogia pela Universidade UNIASSELVI de Joinville/SC e graduada em Licenciatura em Letras Português e Inglês pela Universidade UNICOC de Joinville/SC. E-mail: joanakehdi@hotmail.com.

**** Graduada em Licenciatura em Letras Português e Inglês pela Universidade UNICOC de Joinville/SC. E-mail: claudia.lb@terra.com.br.

Neste percurso, é importante salientar que a tradução é uma técnica utilizada em diversas metodologias, mas com abordagens específicas. Neste viés, para Jakobson (1971, p. 65) “a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes”.

A primeira metodologia de ensino de língua inglesa a usar a tradução foi denominada de Método Gramática e Tradução (GT), com o intuito em capacitar o aluno para leitura de textos. De acordo com Lucindo (2006, p. 01) “o foco desta metodologia é na linguagem escrita e os professores devem explicar na língua materna do aluno”. Leffa (1988, p.213) complementa que há três passos importantes para a aprendizagem a partir desse método: “(a) memorização prévia de uma lista de palavras, (b) conhecimento das regras necessárias para juntar estas palavras em frases e (c) exercícios de tradução e versão”.

Depois de exercer um papel importante por um longo período no ensino de línguas, o Método GT perdeu espaço para o Método Direto (MD). O uso da L1 nesta metodologia possuía caráter condenável em sala de aula. A oralidade era utilizada como principal ferramenta. De acordo com Leffa (1988),

O princípio fundamental da abordagem do Método Direto é que se aprende a segunda língua por meio dela mesma, a língua materna nunca deve ser usada em sala de aula. A transmissão do significado dá-se através de gestos e gravuras, sem jamais recorrer à tradução. O aluno deve aprender a ‘pensar na língua’. (LEFFA, 1988, p. 215)

Como se pode perceber, o enfoque do uso da língua neste método é completamente diferente da abordagem anterior, pois o que se pretendia era que o aluno se expressasse já na língua estrangeira. Contudo, devido a este objetivo, foi neste momento que a tradução foi banida e condenada no ensino de língua estrangeira. Para Lucindo (2006, p.02), a tradução foi banida pelos partidários do Método Direto. O GT, no entanto, nunca deixou de ser utilizado e, portanto, a tradução continuou sendo uma ferramenta dos favoráveis ao GT.

Após o desenvolvimento dessas duas abordagens, surgem duas novas metodologias com um mínimo valor de abrangência, nas quais a prática da tradução

não era aceitável. Essa característica de não aceitação da tradução direcionava-se ao Método da Leitura (ML) e Audio-Lingual (AL).

O ML, como o próprio nome especifica, objetiva o desenvolvimento da habilidade da leitura, bem como a ampliação do vocabulário. O objetivo do método não é ler, e sim ler e compreender para fazer exercícios escritos. Em contrapartida, o método AL visa à oralidade como o centro da aprendizagem. De acordo com as concepções de Fava (2007, p.13) “a gramática restringia-se ao necessário para a compreensão da leitura [...]. Os exercícios mais usados para a aprendizagem da gramática eram os de transformação de frases. Ocasionalmente, exercícios de tradução eram também empregados”.

No método AL a língua é oralidade, ou seja, o aluno deve primeiro ouvir e falar, para posteriormente ler e escrever, como acontece na aprendizagem da língua materna. Para Fava (2007, p.14), “Estava restabelecida a ênfase na língua oral. No momento em que se equiparava a fala com a língua, o que não fosse fala também não era língua. Daí que ensinar a leitura não era ensinar a língua, já que a escrita era uma fotografia muito mal feita na fala”.

Durante algum tempo, os estudos acerca das metodologias do ensino de línguas estrangeiras mantiveram-se imutáveis. Porém, linguistas europeus davam continuidade a estudos semânticos e sociolinguísticos, em que buscavam analisar a língua junto de seus emissores e receptores, como um conjunto de eventos comunicativos. Surge, então, por meio dessa nova visão desenvolvida sobre a língua: a Abordagem Comunicativa.

A Abordagem Comunicativa é muito utilizada atualmente e enfatiza a semântica e o uso apropriado da língua de acordo com o contexto. Conforme Leffa (1988), o contexto, o relacionamento entre os participantes, as características intelectuais e os laços de afetividade do falante determinam a preferência do expoente linguístico. Nesta abordagem, o material deve ser utilizado com autenticidade através da apresentação dos usos reais da língua, apresentando textos impressos que fazem parte do uso cotidiano da língua, tais como jornais, propagandas, rótulos, cardápios, e-mails, revistas, dentre

outros. Ou seja, a aprendizagem é centrada no aluno, o qual é considerado o autor, produtor, emissor e receptor do próprio conhecimento.

Acerca do uso da tradução na abordagem comunicativa, Romanelli (2006) faz algumas considerações:

A tradução foi definitivamente excluída e criticada por esta abordagem. De fato, nas metodologias mais recentes, a tradução continua sendo pouco considerada, quer do ponto de vista prático, quer do ponto de vista teórico. Existem, porém, teóricos que consideram necessária uma reabilitação da tradução em sala de aula. (ROMANELLI, 2006 p. 3)

Sob outro prisma acerca da valorização do aluno e do contexto de aprendizagem Lucindo (2006, p.03) afirma que: “[...] nesta metodologia a tradução e a LM puderam, ainda que aos poucos, voltar à cena, reivindicando um papel entre o principal e o secundário”.

Definições do termo tradução no ensino de língua inglesa

Ao longo do tempo, as várias abordagens metodológicas inerentes ao ato de ensinar uma língua estrangeira têm motivado diversas discussões entre teóricos e profissionais de educação, proporcionando a possibilidade da reflexão acerca de algumas técnicas de tradução utilizadas nas aulas de Língua Inglesa. É importante apontar algumas definições adotadas referentes ao termo *tradução*, criticada por alguns métodos de ensino, como o Método Direto, as Abordagens Áudio-Lingual e Comunicativa. Segundo Philipps (2007), a tradução é o processo de transferência de significado da língua de origem para a língua alvo, ou seja, a aplicação da tradução ocorre com o objetivo de construir um significado dentro de um determinado contexto, e não de buscar de uma palavra equivalente na língua materna. Para Albir (2002, p. 42), a tradução é como um “processo de reexpressão do sentido que as palavras e frases adquirem no contexto” (tradução nossa). Costa (1988), por sua vez, distingue duas modalidades de tradução, oral e escrita: a tradução oral é definida como uma maneira de explicar o significado das palavras, cuja compreensão pode ser um tanto subjetiva confundindo assim o aprendiz, além de oferecer o desenvolvimento da

capacidade interpretativa do aluno em níveis mais avançados; a tradução escrita é uma técnica facilitadora de verificação da competência de escrita do estudante, servindo também para testar a compreensão dos conteúdos apresentados nas aulas, tais como vocabulário, sintaxe e expressões idiomáticas.

Nas disciplinas Estágio Supervisionado I, II e III da Faculdade Interativa COC, observamos várias aulas de Língua Inglesa, do Ensino Fundamental II, em escolas municipais e estaduais, ministradas por diferentes professores. Durante aquelas aulas, foi possível identificar desempenhos diferenciados dos alunos e resultados finais alcançados em decorrência das estratégias tradutórias dos professores em momentos específicos das suas aulas. Em certos momentos, a tradução foi empregada de forma *indiscriminada*, visto que a compreensão já havia acontecido, comprometendo a proposta da atividade aplicada pelo professor, gerando desinteresse e dependência. Em outras situações, a tradução foi somente utilizada para verificar a compreensão de alguns itens gramaticais e vocabulários mais complexos, assim como propiciar entendimento nas atividades devido a um item linguístico recém-ensinado; o resultado alcançado pelo emprego moderado da tradução ocasionou um melhor desempenho dos alunos em relação à aprendizagem e um retorno ao professor de que os objetivos daquela aula foram atingidos.

Na seção de estudos de casos detalharemos como algumas técnicas de tradução utilizadas pelos professores de L2/LE foram possivelmente positivas e negativas durante o processo de ensino e aprendizagem.

Na próxima seção, serão apresentados alguns dos principais pontos positivos e negativos do uso da tradução nas aulas de Língua Inglesa e discutidos a partir de Atkinson (1993), com intuito de desmistificar a crença de que a tradução em sala de aula prejudica o processo de ensino e aprendizagem, ou provocar a reflexão dos leitores acerca de um tema muito factível.

Vantagens e desvantagens da tradução em sala de aula

No tocante às vantagens, Bolítho (1983) salienta o papel importante da língua materna de permitir que o aluno consiga expressar aquilo que realmente quer dizer,

proporcionando ao professor a possibilidade de ajudá-lo a empregar um termo equivalente na língua aprendida sem modificação de sentidos. Em situações observadas em sala de aula de diferentes níveis de aprendizagem, a presença da tradução oferece algumas possíveis vantagens listadas por Atkinson (1987, p.241):

1. Elicitar a linguagem. Por exemplo, *How do you say 'caixa' in English?* Principalmente, em níveis mais básicos, esta técnica pode evitar ambiguidades e economizar tempo da aula.
2. Verificar a compreensão. Como na pergunta *How do you say 'Eu estou estudando inglês há dois anos' in English?* Esta técnica auxilia os alunos a distinguirem entre 'equivalência estrutural, semântica e pragmática', assim como a checar a compreensão auditiva e a interpretação textual.
3. Dar instruções complexas nos níveis básicos. Neste caso a tradução deve ser usada apenas para verificar a compreensão dos alunos; é possível pedir aos estudantes que sintetizem na língua materna as instruções.
4. Cooperar em grupos. Os aprendizes comparam e fazem a correção das respostas de exercícios na L1. Os estudantes às vezes podem explicar os novos itens linguísticos de maneira mais clara aos seus colegas, pois utilizam vocabulário mais simples facilitando a compreensão das explicações detalhadas dos professores.
5. Explicar a metodologia da sala de aula em níveis básicos.
6. Usar a tradução para esclarecer um item linguístico recém-ensinado. Esta técnica pode reforçar algumas diferenças estruturais e sociolinguísticas entre a língua materna e a língua estudada. Do mesmo modo pode auxiliar na compreensão de frases onde ocorrem os falsos cognatos.
7. Analisar o sentido. Se os aprendizes escrevem ou falam alguma coisa na L2/LE que não faz sentido, cabe a eles traduzir aquele termo para a L1 para posteriormente fazer a verificação de erros.
8. Testar. A tradução oferece grande utilidade para avaliar o domínio de formas e significados.

9. Desenvolver estratégias perifrásticas. Em caso de dúvidas na L2¹, os professores devem ajudá-los a pensar em modos diferentes para dizer a mesma coisa na L1², para que possam mais facilmente encontrar um termo que mais se aproxima de sua língua materna (L1). (ROMANELLI, 2006)

No tocante às desvantagens do uso da tradução, há opiniões divergentes entre alunos e professores que discriminam de forma veemente o uso da tradução como ferramenta de ensino da segunda língua. Dentre os argumentos salientados por esta vertente, serão ressaltados neste trabalho os mais relevantes e defendidos por estudiosos da área de ensino de línguas e salientados, também, por SOUZA (1999) em uma pesquisa com professores, na qual são apontados alguns dogmas relatados pelos professores:

1. A tradução não é uma das habilidades básicas da aprendizagem de línguas, uma vez que saber uma língua significa OUVIR, FALAR, LER E ESCREVER. Traduzir é uma habilidade totalmente independente dessas quatro e os alunos, sobretudo no início da aprendizagem, não necessitam desta habilidade.
2. A tradução impede o aluno de pensar diretamente na língua estrangeira. Além disso, cada língua impõe aos seus falantes uma visão de mundo diferente. Assim, a tradução força o aprendiz a organizar a realidade de acordo com a visão de mundo determinada por sua língua materna.
3. A atividade de tradução é incompatível com a Abordagem Comunicativa para o ensino de línguas.
4. A tradução deve ser evitada no ensino de línguas, porque é causadora de muita interferência da língua materna e impede a fluência na língua estrangeira. Para Levault (1998, p. 84) a tradução feita da Língua Materna para a Língua Estrangeira “é contrária a toda prática profissional séria, a qual exige que se traduza sempre para a língua materna”. Pois é uma atividade que confunde o estudante, uma vez que ele pensa na língua materna para em seguida montar a

¹ Língua estrangeira.

² Língua materna.

estrutura na língua estrangeira, e esta tem uma organização própria que frequentemente difere da língua materna.

5. O uso do dicionário para a tradução é uma atividade pouco produtiva, visto que os textos deveriam ser muito bem escolhidos para que não contivessem regras gramaticais desconhecidas e itens lexicais novos em demasia. Para Welker (2003, p. 153) “Ter que procurar nos dicionários não contribui para o prazer, ainda mais que os dicionários bilíngues são muito falhos e (...) os alunos principiantes não entendem as explicações dos dicionários monolíngues”.

Atkinson (1987) salienta algumas das conseqüências do uso excessivo da língua materna nas aulas de língua estrangeira, vejamos alguns aspectos negativos levantados:

1. O professor e/ou os alunos tendem a pensar que não entendem nada que seja apresentado na L2/LE, neste caso, em inglês.
2. O professor e/ou os estudantes tornam-se incapazes de observar algumas distinções entre a equivalência de formas, semântica e características pragmáticas. Como conseqüência, ocorrem traduções imperfeitas e imprecisas.
3. Os aprendizes conversam com o professor na língua materna (em português) mesmo sendo capazes de se expressar no idioma alvo.
4. Os alunos apresentam resistência em perceber a crucial importância de praticar apenas o inglês durante muitas atividades na sala de aula.

Essas argumentações apresentam considerações pertinentes quanto ao uso da tradução como técnica no processo de ensino e aprendizagem de L2, todavia deve-se considerar qual seria a proposta da escola, o projeto político e pedagógico da instituição escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, a formação docente, a comunidade em que os estudantes estão inseridos e residem, entre outros fatores que condicionam o trabalho do professor e as expectativas dos aprendizes, conseqüentemente influenciando na prática pedagógica do docente.

Estudos de casos

Esta seção objetiva apresentar duas técnicas de tradução da L2, utilizadas por duas professoras regentes no Ensino Fundamental II, em duas escolas estaduais. A proposta central é analisar descritivamente como as atividades aplicadas pelas professoras foram conduzidas através do uso diferenciado da tradução e finalmente como os estudantes responderam aos estímulos emitidos, comprovando assim algumas das prováveis vantagens e desvantagens, mencionadas anteriormente, do uso da tradução no processo de ensino e aprendizagem.

Nomes de escolas, de professores e de alunos não serão revelados, por uma questão ética. Não é intenção deste trabalho apresentar críticas ou denúncias, mas analisar as duas situações factíveis como objeto de estudo para provocar reflexões e desmistificar a prática tradutória em momentos específicos das aulas de L2/LE.

Estudo de caso I

A primeira atividade³ foi aplicada em uma turma de 6^o ano com vinte e cinco alunos, na faixa etária de dez a onze anos de idade. O uso da tradução foi frequentemente empregado pela professora X e conseqüentemente pelos aprendizes.

A aula iniciou-se pontualmente, a chamada foi realizada em português, em seguida foi comunicada à turma que haveria uma atividade de revisão dos principais tópicos trabalhados naquele bimestre, visando assegurar o bom desempenho e entendimento antes de dar continuidade aos novos conteúdos do bimestre seguinte. A atividade deveria envolver as quatro habilidades de ouvir, falar, ler e escrever na Língua Inglesa.

A professora X distribuiu folhas impressas com três atividades de revisão e pediu a um dos alunos que lesse cada enunciado, escritos sempre em português. Na primeira questão os estudantes tiveram que relacionar figuras coloridas com o nome de sua cor correspondente em inglês. Durante a realização desta questão a educadora traduzia as cores para o português, não havendo prática de leitura e de pronúncia em inglês. No segundo exercício, outro estudante leu o enunciado em que era solicitado

³ A atividade aplicada pela professora X consta no Apêndice 1.

que se encontrassem oito nomes de animais escritos em português no caça-palavras – as palavras-guia estavam em inglês. Em momento algum ocorreu leitura das palavras escritas na Língua Inglesa, mas apenas as traduções foram destacadas ao longo daquela atividade. Na terceira e última questão, um terceiro estudante leu o enunciado escrito em português dando instruções para a leitura de um diálogo, em que se revisavam formas de saudações e cumprimentos e o uso do verbo *to be* (ser/estar); a professora X deu alguns minutos para a leitura silenciosa do diálogo e em seguida ela o traduziu oralmente para a classe, sem nenhuma prática de leitura em voz alta em inglês. Finalmente, na segunda parte do exercício os alunos tiveram que completar as lacunas de outro diálogo, bem parecido com o primeiro. Durante a atividade a professora e também os alunos traduziam para o português as expressões que deveriam ser utilizadas nas lacunas – como, por exemplo, “olá, está, estou, você” etc. Mais uma vez, não houve prática de leitura em inglês.

A turma mostrou-se interessada em realizar as três atividades elaboradas pela professora X. Embora o propósito da aplicação daqueles exercícios tenha sido o de praticar a leitura, as estruturas gramaticais, a escrita e o vocabulário, a explicação e leitura realizadas pela professora aconteceram por meio da tradução.

No segundo estudo de caso, a professora Y utilizou a técnica da tradução moderadamente em uma atividade desenvolvida pelos seus alunos em sala de aula.

Estudo de caso II

Neste segundo caso, a atividade foi aplicada em uma sala de 7^o ano do Ensino Fundamental II. No início da aula a professora Y explicou, em português, que naquele dia iriam estudar o verbo haver/existir (*there to be*). No quadro, ela escreveu as formas afirmativa, interrogativa e negativa do verbo *to be* no singular e plural. Em seguida, a professora distribuiu pela sala vários elementos concretos, cujos nomes em inglês não eram desconhecidos pelos alunos: um rádio, um chapéu vermelho, duas garrafas de Coca-Cola, três maçãs, um urso de pelúcia e quatro barras de chocolate.

atividade estavam em português. Ocorreu a explicação, em português, da proposta de exercício. Alternadamente, alunos realizaram a leitura das frases do exercício para checar se havia dúvidas de vocabulário e para praticar a pronúncia na L2/LE.

Durante a aula os alunos se mostraram bem participativos, não tiveram muita dificuldade para compreender a atividade proposta. Foi uma aula completa, quando as quatro habilidades da língua puderam ser exploradas, com uso moderado da tradução.

Pode-se observar que as professoras X e Y apresentaram práticas pedagógicas diferentes. No entanto, para fins deste trabalho não discutiremos o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) aquelas professoras ministram suas aulas de maneira tão diferenciada.

Atividade do estudo de caso II

Name: Date:

Class: Number: Grade:

Preencha as lacunas utilizando *there is/there are/is there/are there? There isn't/there aren't.*

- São Paulo is a big city. _____ hundreds of schools there.
- Where are we going to eat? _____ any open restaurants today.
- _____ seven days in a week.
- This room is small, but _____ an extra bed in the other room.
- _____ a lot of places to visit in this town.
- _____ good stores nearby?
- _____ any good movies on TV today.
- _____ only one book on my desk.
- _____ any pencils in your pencil case?
- _____ only one chocolate here. _____ two.

Considerações finais

Ao longo da história do ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, a tradução ocupou diferentes espaços. Houve muitas críticas quanto a sua utilização, em alguns momentos ela foi avidamente defendida e em outros foi completamente banida.

É importante frisar que em todo ensino de língua estrangeira, quanto mais tempo o aluno ficar exposto ao novo idioma, melhor para sua internalização e fluência.

A tradução pode ser um excelente recurso para auxiliar o professor a obter a máxima compreensão possível por parte dos alunos. De acordo com Atkinson (1987), o uso da língua materna pode ser uma ótima estratégia de otimização do tempo, que poderá ser utilizado posteriormente em outras atividades mais “produtivas”. Desta forma seria justificável o uso prudente da tradução durante explicações de exercícios, para checar se os alunos entenderam determinada estrutura ou vocabulário, assim como no ensino de falsos cognatos.

Nos estudos de casos apresentados na seção anterior, pode-se observar que o uso indiscriminado da tradução, como no primeiro caso, não proporcionou aos alunos o aprendizado “intensivo”, nem a prática da LE. Apenas praticaram a escrita e leitura (silenciosa) sem nenhuma espécie de contextualização ou comparações com sua experiência de vida. Já no segundo caso, os alunos puderam ouvir a explicação em inglês, praticaram a fala quando respondiam às perguntas da professora, tiveram a oportunidade de fazer a leitura em voz alta, novamente praticando a pronúncia, e fizeram os exercícios escritos. Assim, houve um ganho significativo no que diz respeito ao aprendizado da língua estrangeira. O uso excessivo da tradução da língua estrangeira para a língua materna não privilegia o aprendizado. Entretanto, o não uso da tradução pode criar bloqueios em relação ao aprendizado da LE, fazendo com que o aluno com certo nível de dificuldade ou mais introvertido crie uma aversão e se recuse a aprender.

ADVANTAGES AND DISADVANTAGES ABOUT TRANSLATION OVER TEACHING THE ENGLISH LANGUAGE

ABSTRACT:

This article aims to present reflections about the possible advantages and disadvantages of the use of translation in the English classes in two public schools from Santa Catarina State highlighting some situations in which translating would be justifiable over the English Language learning and teaching process. Two study cases were analyzed and they illustrated the effects provided by some moderate and exaggerated uses of translation from English into Portuguese during such classes. The survey attempts to describe the way two English teachers from two state secondary schools in Itapema and Joinville, Santa Catarina, made use of translation over their lessons as well as how successful their students' learning was. The results of it show that the reasonable use of translation might be helpful unless its aims are clear and tend to develop a better learning of the students.

KEYWORDS: Teaching. English language. Translation.

Referências:

ATKINSON, David. **Teaching monolingual classes**. London: Longman, 1993.

_____. **The mother tongue in the classroom: a neglected resource?** 1987.

FAVA, Gilmar José. **Metodologia do Ensino de Línguas**. Florianópolis: Celer Faculdades, 2007. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Metodologia_ensino_linguas.pdf>. Acesso em 27 out. 2010.

LEFFA, Vilson. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN H. I; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

LUCINDO, Emy Soares. Tradução e ensino de línguas estrangeiras. **Revista Scientia Traductions**, Florianópolis: UFSC, v. 0, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.scientiatraductions.ufsc.br/ensino.pdf>>. Acesso em 07 jul. 2010.

ROMANELLI, Sérgio. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. **Revista Inventário**, v. 5, n. 5, fev./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/05/05romanelli.html>>. Acesso em 07 jul. 2010.

SOUZA, José Pinheiro de. Tradução e ensino de línguas. **Revista do GELNE**, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, v. 1, n. 1, jan./jun., 1999.

WELKER, Hebert Andreas. Traduzir frases isoladas na aula de língua estrangeira - por que não? In: **Linguística Aplicada**. Brasília: Horizontes, 2003. p. 149-163.

*Recebido em 13/12/2010.
Aprovado em 30/06/2011.*